

O ESTRANGEIRO EM DOIS MOMENTOS – UMA LEITURA DA IMIGRAÇÃO

Stefania Chiarelli
Puc-Rio

É fato que a ruptura com um país e uma cultura inúmeras vezes deixa marcas indeléveis na memória afetiva do ser humano. Sobretudo se esse corte se dá de modo não voluntário, ou seja, motivado por questões políticas, econômicas e sociais, como é o caso da maior parte de imigrantes chegados no Brasil. Fugir da guerra, da fome e da miséria em busca de novas e melhores oportunidades foi o motor principal da imigração para o país.

O tema do expatriamento é um emblema desta situação: são seres exilados, retirados de seus locais de origem, que irão viver em um lugar onde não há ainda o sentido de vida coletiva ou de agregação, pois tudo está por ser construído. Daí a necessidade de se pensar a idéia de que o imigrante vive uma espécie de luto, uma vez que há perda das raízes, da identidade e da independência pela chegada a um novo lugar. O predomínio quase constante do sentimento de melancolia, da rememoração da dor de não pertencer a nenhum lugar são freqüentes. Em um segundo momento, poder-se-ia acrescentar que já não há mais possibilidade de integração na terra natal (que mudou desde que dela se saiu) e permanece o estranhamento com relação ao novo lugar. O imigrante, neste sentido, sofre um duplo desterro.

A maneira como os sentimentos daí decorrentes são processados e absorvidos pode dar origem a lembranças dolorosas e traumáticas. É da leitura das cicatrizes depositadas no corpo e na memória que vão surgir certas narrativas que tratam da experiência da imigração. A cicatriz, enquanto metáfora desse tipo de literatura, toma a proporção de um caminho, na medida em que é ela quem vai nortear os espaços a ser percorridos pelos discursos. Uma vez que simboliza o conflito, tal metáfora pode funcionar como uma categoria de análise para a literatura de imigrantes, de modo geral.

Ainda nessa perspectiva, a memória (ou *mnemosyne*, a musa da reminiscência) é o fio condutor que nos leva a episódios que compõem o painel da imigração no país. Nesse momento é possível se pensar na relevância que Walter Benjamin imprime ao papel da memória em seus escritos. Ao enfatizar a rememoração de experiências como uma forma de salvar a tradição do esquecimento, Benjamin aponta a possibilidade de se recuperar uma espécie de memória não-oficial. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi.’ Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”¹

A memória, vista como um patrimônio comum, é o meio de manter e resgatar a experiência coletiva. Para tanto, Benjamin elege as já clássicas figuras do agricultor e do marinheiro como aquelas que têm muito a dizer – o primeiro por viver experiências ligadas à terra e seu ritmo, e o segundo pelo próprio tema da viagem. Poderíamos acrescentar que, nessa perspectiva, o *imigrante* reúne em si os dois elementos referidos, o que o situa igualmente em uma posição privilegiada como narrador.

Tendo em comum o fato de, cada qual a seu modo, tratarem o tema da imigração, as narrativas de Samuel Rawet e de Milton Hatoum fornecem respostas diferentes ao mesmo assunto. Seja em forma de conto ou de relato memorialístico, elas oferecem visões que sem dúvida aprofundam a questão da imigração na literatura brasileira, ainda que nem sempre este seja seu objetivo principal. Esse olhar “de dentro” expõe diversas facetas do processo traumático da imigração, entre elas a dor, a perda dos referenciais, o estranhamento frente ao desconhecido, a dificuldade de integrar-se ou assimilar-se ao outro. É um olhar que permite que se penetre em um rico universo que se deixa desvendar à medida que a voz de seus personagens expõe todos esses questionamentos a partir de feridas e da(s) memória(s).

¹ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol I. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 224

Acreditamos que, dada a coincidência da temática que as une, as obras possuem importância por promoverem a desleitura de narrativas homogêneas ou totalizadoras, contribuindo para o processo de ressignificação da literatura nacional. Elas oferecem diferentes abordagens de um mesmo assunto e posicionamentos éticos bastante peculiares de seus autores, o que em si já desperta interessante discussão sobre a representação da imigração na literatura.

O escritor **Samuel Rawet**, espécie de autor “maldito” e esquecido, tratou do tema na década de 50. Nascido em Klimontow, na Polônia em 1929, Samuel Urys Rawet chega ao Rio de Janeiro em 1937. Em 1957, desloca-se para Brasília, onde permanecerá até 1984, ano de sua morte. Na cidade, trabalha como engenheiro da equipe de Oscar Niemeyer, fazendo os cálculos para as construções da capital, entre elas o prédio do Congresso Nacional. Continua a produzir contos, novelas e ensaios, isolado e recluso em sua atividade intelectual. Rawet morre de aneurisma cerebral aos 55 anos na cidade-satélite de Sobradinho. Nos últimos anos, apresentava indícios de problemas mentais.

Contos do Imigrante, de 1956, traz novo fôlego e densidade ao gênero, a partir de uma perspectiva nova e fora dos cânones da época. Caracterizado por uma linguagem seca e depurada, quase que descarnada, o texto de Rawet estabelece sem dúvida diálogo com as obras de João Cabral de Melo Neto e Graciliano Ramos. O célebre poema *Uma faca só lâmina*, do poeta pernambucano, coincide com a publicação de *Contos de imigrante*: ambos são de 1956. “Não o de aceitar o seco/ Por resignadamente,/ Mas de empregar o seco/ Porque é mais contundente”, dizem os versos de João Cabral.

Contos como “O profeta” e “Gringuinho” são apenas dois exemplos de narrativas irretocáveis que fazem parte da obra, que tem o mérito de dar espaço a um segmento destituído de voz até então. A temática do imigrante, central nesses primeiros contos, vai se diluindo aos poucos em suas demais

obras, quase como uma recusa do autor a tornar-se panfletário, embora nelas persista a abordagem do estranho.

O tema da diferença encontra-se em momento particularmente aberto a esse debate. O processo de globalização vigente, bem como o multiculturalismo, parecem ter gerado maior receptividade, passando até a incentivar temas que tragam uma reflexão sobre a diferença. Entretanto, fica bastante claro que o momento de produção dos textos de Rawet foi pautado por categorias modernas. O autor, de fato, está inserido naquele contexto: construir a nova capital do Brasil, o modelo de modernidade, participar do processo de erguer Brasília, tudo isso é altamente representativo do momento a que Rawet estava vinculado. Na música, surgia a bossa nova. O cinema novo despontava. Na literatura, os nomes de Guimarães Rosa e Clarice Lispector se faziam presentes. Momento bem distinto daquele em que o manauense Milton Hatoum concebe sua obra.

Filho de pai árabe, mãe portuguesa e avó libanesa, Hatoum leciona literatura francesa na Universidade do Amazonas e é professor-visitante da Universidade da Califórnia. Em *Relato de um certo Oriente*, de 1989, o autor aborda a temática da imigração em tom memorialístico. Acompanha a trajetória de uma família libanesa em Manaus, compondo, por meio da narrativa de diversas memórias familiares, um emocionante mosaico. Remetendo aos textos das *1001 noites* e do *Alcorão*, com dicção lírica, o romance apresenta os conflitos e o desmantelamento de uma família matriarcal, através do olhar de seus descendentes. A obra de Hatoum certamente está em diálogo com a escrita de Raduan Nassar, grande admirador que foi do romance *Lavoura Arcaica*, sobre o qual afirmou:

“(...) em *Lavoura Arcaica* pude reconhecer muitos traços da cultura do imigrante árabe, traços que se ajustam muito bem a uma tradição comum, a uma experiência milenar que os primeiros imigrantes haviam trazido do Líbano. O quarto, a casa e a fazenda, espaços que Raduan expande e dilata, palcos de um drama familiar ou da relação tensa de um casal, foram talvez

mais importantes para eu pensar no romance que comecei a escrever por volta de 1982, quando morava na França.”²

O autor refere-se ao romance *Relato de um certo Oriente*. Hatoum retoma a temática da imigração árabe em *Dois Irmãos* (2000), em que os gêmeos Yaqub e Omar debatem-se durante toda a vida entre o amor e o ódio em meio a uma família libanesa, em romance novamente ambientado na cidade de Manaus. O narrador Nael é nativo, um “curumim”, está à margem da família e da sociedade. Filho bastardo, está em busca da identidade paterna.

É interessante que se perceba a diferença marcante na recepção dos autores, que muitas vezes por questões mercadológicas foram alijados do cânone literário brasileiro (caso de Rawet) ou bastante reconhecidos (caso de Hatoum). O momento de produção de cada um dos textos deve ser considerado. Vozes como a crítica jornalística, acadêmica, e a mídia em geral conferem prestígio a determinados autores, legitimando-os dentro de um sistema literário ou não. Os dois romances de Hatoum foram muito bem recebidos pela crítica e pelo público, o que fica patente com a premiação do Jabuti recebida por *Relato de um certo Oriente* em 1990. Já Rawet foi elogiado em sua estréia, entretanto acabou bastante esquecido por várias décadas, tendo no presente voltado à baila talvez mais pela abordagem que faz da loucura e da homossexualidade, o que acabou por resgatar seu nome e alguns de seus textos.

De modo geral, é possível constatar a primeira diferença entre os autores, e ela diz respeito ao modo como cada um deles lida com suas experiências. Rawet, espécie de pioneiro e talvez por ser o imigrante propriamente dito, parece lidar com a matéria quase como uma catarse, expondo de forma crua todos os seus conflitos, e exorcizando via escritura parte de seu drama, indissociável do fato de ter negado veementemente a tradição a que pertencia. Milton Hatoum, pertencente a segunda

² Cadernos de Literatura Brasileira, no 2. Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 1989, p. 20

geração de imigrantes, estabelece sem dúvida relação bem menos conturbada mas igualmente interessante com a questão.

Faz-se necessário também estabelecer uma importante distinção no modo como os autores lidam com um dado fundamental da vivência da imigração: a casa. É interessante observar como cada um dos autores trabalhou a questão do espaço nas narrativas.

A casa em Samuel Rawet afigura-se o lugar do esfacelamento e da falta de cumplicidade. Espaço geralmente associado ao aconchego, ela se afigura como o oposto de um ninho, lugar do esfacelamento e da falta de cumplicidade. A impossibilidade ou dificuldade de compartilhar experiências é uma das grandes temáticas do autor polonês, que põe em cena seres humanos vivendo em solidão radical. Dentro disso, a desidealização da família tem papel fundamental, uma vez que é mostrada como espaço de desencontro, de frustração e de “relações gélidas”, de fios que não podem reatar mais nada. A família aparece também como parte de um passado que não pode existir mais, reafirmando a idéia de ruína.

A família, no conto “O Profeta” é descrita pelas risadas canalhas, a inutilidade, a auto-suficiência e a ironia. São superficiais os sentimentos que nutrem entre seus membros, máscaras de cordialidade que “sumiam como um vinco em boneco de borracha.”(p.15) Impossíveis as afinidades, uma vez que um muro se ergue entre os membros da mesma família: “A cumplicidade é a miragem do estrangeiro: mais atroz quando ausente, ela é o único elo, utópico, perdido.” afirma a teórica Júlia Kristeva a esse respeito.

No caso de *Relato de um certo Oriente*, a casa e seus objetos estruturam de forma clara a narrativa. Ela é o palco onde são encenadas e resolvidas as questões familiares, entre os pais, entre os pais e os filhos, entre os vizinhos. É praticamente uma personagem adicional do romance, elemento

que congrega e espelha as emoções e sentimentos da família. Suas paredes são desenhadas, seus contornos ganham vida, ela está investida de significados.

Ao mesmo tempo, vai perdendo vivacidade à medida que se avança em direção ao final da narrativa. A casa está vazia e abandonada quando a narradora retorna, quase como um indício de que ela e a mãe Emilie estão em simbiose: morta a primeira, a segunda já não significa muita coisa. Quem passará a doar-lhe sentido e ressignificá-la será a narradora, através de seu relato. Os conflitos, as contradições e fissuras dessa família são mostrados muito em função da presença ou não naquele ambiente familiar.

Pensando o retorno da narradora de *Relato de um certo Oriente* como uma busca do passado, vejamos as considerações do filósofo Gaston Bachelard, na obra *A poética do espaço*, acerca da imagem da casa como um ninho: “Se se volta à velha casa como se retorna ao ninho, é porque as recordações são dos sonhos, é porque a casa do passado transformou-se numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas.”³

Enquanto a casa/ninho mostra-se indissociável da figura materna, o comércio familiar da loja A Parisiense aparece como o espaço ligado ao pai: é na quietude da loja fechada que ele lê o *Alcorão*, é onde se refugia em seus momentos de conflito. Espécie de concha protetora, fechada sobre si mesma, o lugar parece estar separado do mundo, espaço da absoluta introspecção e privacidade. Já o narrador Nael, de *Dois irmãos*, escreve no quarto dos fundos, fronteira com o cortiço, o que indica uma situação limítrofe, que aponta para sua exclusão da família. Afirma ele: “eu dormia num quartinho construído no quintal, fora dos limites da casa.”(p. 29)

Conclui-se, a partir do contraste entre as obras, que a abordagem do tema leva a caminhos opostos. Enquanto Rawet presume a impossibilidade da compreensão do outro em sua irreduzível

³ BACHELARD, Gaston. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1984, p. 262

diferença, Hatoum mantém uma visão mais complacente desse encontro entre estranhos. A casa/ninho de Hatoum é o oposto do lar esfacelado de Rawet. O confronto com a alteridade, na visão de Rawet, não dispõe de espaço para a conciliação, pois ela é vista como ameaça e agressão aos olhos da sociedade. O personagem judeu de Rawet está situado em um primeiro momento de inclusão do tema na literatura brasileira, e responde à peculiaridade da experiência muito especial vivida pelo autor.

Por outro lado, as personagens de Milton Hatoum são marcadas pela mistura, pelo caráter híbrido das vivências, da língua dos imigrantes e de seus descendentes. Elas situam-se no hibridismo, no lugar em que o brasileiro, o manauara, o árabe se encontram e se interpenetram. Ainda assim, elas apontam de forma contundente as tensões e conflitos existentes, sobretudo pela voz de narradores que se caracterizam por estar à margem das famílias: a filha adotiva e desenraizada de *Relato de um certo Oriente* e o filho bastardo de *Dois irmãos*.

Entretanto, não pretendemos meramente polarizar e assim estabelecer uma dicotomia excludente entre as ficções dos autores, mas estabelecer algumas primeiras distinções no modo como cada um lida com a idéia da casa e da família. Em termos gerais, portanto, é possível perceber interessantes e distintos modos de ver a questão do estrangeiro imigrante e suas inter-relações na literatura brasileira. Tratam-se, sem dúvida, de dois nomes obrigatórios para aqueles que desejam vislumbrar a representação dessa experiência na literatura brasileira.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol I. São Paulo, Brasiliense, 1985

BACHELARD. Gaston. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1984

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. *Dois irmãos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000?

KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956